

Lavando os Pés dos Discípulos

(13:1–17)

A primeira metade do Evangelho de João descreve uma série de sinais realizados por Jesus durante o seu ministério. Por esse motivo, ela tem sido chamada de “O Livro dos Sinais”. O capítulo 13 abre a segunda seção do Evangelho, que, a bem da verdade, tem sido chamada de “O Livro da Glória”¹, uma vez que discorre acerca da revelação da glória de Jesus. Nos capítulos 2 a 12, João registrou vários sinais e depois narrou o significado desses sinais nos discursos subsequentes. Nesta segunda seção, inverteu-se a ordem. A explicação é dada nos capítulos 13 a 17, sendo seguida pelo maior de todos os sinais: a morte, o sepultamento e a ressurreição do próprio Jesus, sinais estes que revelaram sua verdadeira glória.

O ministério público de Jesus, que durou cerca de três anos e foi registrado em 1:19—12:50, estava agora encerrado. Após a oposição dos líderes religiosos e o apelo de Jesus no capítulo 12, veio a última semana em Jerusalém. Jesus estava sozinho com seus discípulos e sabia que morreria no dia seguinte, mas os discípulos pareciam estar mais preocupados consigo mesmos (veja Mateus 20:20–28; Marcos 10:35–45; Lucas 22:24–27). Além de algumas palavras ditas por Jesus aos que o prenderam e aos que o julgaram, João nada mais registrou do que Jesus disse às multidões. O restante deste Evangelho contém narrativas referentes às últimas palavras de Jesus ao círculo interno de seus discípulos, à sua magnífica oração de intercessão e aos acontecimentos em torno de sua morte. Os capítulos 13 a 17 constituem uma densa unidade transcorrida numa só noite, focalizando

somente Jesus e os doze. O discurso desses capítulos contém uma riqueza de instruções dadas por Jesus aos seus discípulos que não se encontram nos Evangelhos Sinóticos. Essa foi a noite de véspera da crucificação de Jesus.

Os relatos paralelos esclarecem que Jesus comeu uma última refeição com os discípulos no cenáculo, momento em que ele instituiu a santa ceia. No entanto, João não menciona a ceia do Senhor, omissão esta que gerou muita discussão entre os estudiosos. Alguns tentaram encontrar o ensino sobre a ceia do Senhor em João 6 (veja os comentários sobre 6:51–58), porém não há uma base sólida para isso. É possível ter sido desnecessário João citar a ceia do Senhor porque o livro foi escrito no fim do primeiro século e os outros Relatos do Evangelho já haviam abordado suficientemente esse episódio. Na época em que João escreveu, todos os primeiros cristãos já deviam estar cientes da observância da ceia.

O EXEMPLO DE AMOR E HUMILDADE DE JESUS (13:1–11)

¹Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. ²Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus, ³sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, ⁴levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. ⁵Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. ⁶Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e

¹ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (i–xii)*, The Anchor Bible, vol. 29. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1966, p. cxxxviii.

este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim?
⁷Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois. ⁸Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. ⁹Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. ¹⁰Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. ¹¹Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos.

Versículo 1. O capítulo começa com mais um indicador de tempo: **antes da Festa da Páscoa**. Este indicador não é tão exato como outros indicadores empregados em João e, por isso, tem sido um tema discutido entre os estudiosos. A Festa da Páscoa começava “aos catorze do mês [nisã], no crepúsculo” (Levítico 23:5) e continuava noite adentro (Êxodo 12:8; 2 Crônicas 35:14), até o dia quinze de nisã, de acordo com o calendário judaico (em que o dia começa ao pôr do sol). Nesse dia, tinha início também a Festa dos Pães Asmos, que durava sete dias (Levítico 23:6).

Os Evangelhos Sinóticos ensinam que Jesus e seus discípulos celebraram a Páscoa juntos (Mateus 26:17–30; Marcos 14:12–26; Lucas 22:7–39). De acordo com o calendário judaico, isso seria bem na transição da noite de quinta-feira para o início da sexta-feira, ou seja, após o pôr-do-sol. No entanto, o indicador de tempo usado em João 13:1 e outras referências em João convenceram muitos comentaristas de que João entendeu que a “última ceia” ocorrera na noite anterior, na quarta-feira (veja 13:29; 18:28; 19:14, 31, 42). Este cálculo coloca a crucificação na tarde de quinta-feira, quando os cordeiros da Páscoa eram sacrificados no templo em preparação para a refeição de Páscoa que logo aconteceria. Esse entendimento faz com que a cronologia de João conflite com a dos relatos sinóticos. Várias respostas já foram apresentadas para solucionar esse problema. Alguns estudiosos, como J. H. Bernard, argumentaram que a narrativa de João é preferível, uma vez que os outros relatos apresentam essas dificuldades². Na opinião de

² J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 1, p. cvii. Isto parece totalmente inaceitável, pois todos os relatos são inspirados por Deus e, portanto, não podem se contradizer.

F. F. Bruce, seria preciso se fazer “uma digressão à parte” para relacionar a cronologia da paixão de Cristo joanina com a dos Evangelhos Sinóticos. Bruce concluiu que, embora a narrativa de João se baseie “na data oficial da Páscoa”, Jesus e seus discípulos, talvez, tenham seguido outro calendário, observando a festividade mais cedo³.

A solução mais plausível é sustentar que os Evangelhos Sinóticos estão corretos quanto à cronologia da paixão e que a expressão “antes da Festa da Páscoa” deve ser entendida como uma referência à narrativa imediatamente seguinte, ou seja, o lava-pés dos discípulos. As palavras iniciais deste capítulo não devem ser aplicadas a todo o discurso de Jesus com seus discípulos, que compreende os capítulos 13 a 17, e sim entendidas como uma introdução ao episódio do lava-pés. O relato de João é compatível com os Evangelhos Sinóticos no sentido de que a refeição que ele descreveu era de fato a refeição da Páscoa. Neste caso, qualquer referência subsequente, em João, a uma festa que ainda viria a acontecer só pode se referir à Festa dos Pães Asmos, e não à Festa da Páscoa propriamente dita. Daremos mais atenção a essa interpretação quando comentarmos os respectivos versículos.

Jesus [sabia] que era chegada a sua hora. Jesus declarou cinco vezes que ainda *não* era chegada a sua “hora” ou “tempo” (2:4; 7:6, 8, 30; 8:20). No capítulo 12, quando alguns gregos foram vê-lo, ele afirmou que *era chegada* a hora de ser glorificado o Filho do Homem (12:23). Ele sabia que a hora de sua morte estava próxima, quando ele **passaria deste mundo para o Pai**. As múltiplas ocorrências da palavra “mundo” (κόσμος, *kosmos*; veja os comentários sobre 1:10) nos capítulos 13 a 17 (quarenta de um total de setenta e oito vezes no livro inteiro) evidenciam a importância do “mundo”. No desenvolvimento destes capítulos, “mundo” contrasta com Jesus e seus discípulos e o restante da humanidade.

Ao deixar este mundo e ir para o Pai, Jesus também estaria deixando **os seus que estavam no mundo**. “Os seus” refere-se aos discípulos de Jesus e é uma das muitas expressões afetuosas que Jesus usou, como se vê na segunda metade do livro. Os discípulos de Jesus estavam no mundo e ele os amava. O amor de Deus manifestado em Jesus era pelo mundo inteiro, como é revelado no

³ F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 279.

texto áureo de 3:16. Jesus havia demonstrado esse grande amor nos insistentes apelos à humanidade perdida, durante seu ministério público. Naquele instante, o foco do seu amor eram os discípulos e não a população em geral. Deste capítulo em diante, Jesus se concentrou naqueles a quem ele amava intimamente. Nem os sofrimentos nem a partida apagariam o amor pelos seus.

“Amor” (ἀγάπη, *agapē*) é um conceito importante nesta parte de João. Segundo C. H. Dodd, os capítulos 1 a 12 são marcados por palavras relacionadas a “vida” (cinquenta ocorrências) e “luz” (trinta e duas ocorrências). Entretanto, nos capítulos 13 a 17, “vida” e seus derivados ocorrem apenas seis vezes e “luz” não tem nenhuma ocorrência. Em contraste com isto, as palavras relacionadas a “amor” ocorrem seis vezes nos capítulos 1 a 12 e 31 vezes nos capítulos 13 a 17. Dodd concluiu que “essa mudança de vocabulário dificilmente é acidental”⁴.

Jesus **amou-os até o fim**. A expressão εἰς τέλος (*eis telos*) pode ser entendida como um adjunto adverbial de tempo, “até o fim”, ou de modo, “ao máximo”. Os tradutores da RA entenderam que Jesus amou os seus até o fim de sua vida. Em ambos os casos, o texto pressupõe um amor incomparável de Jesus pelos discípulos. O amor de Jesus superou o amor manifestado pelos seres humanos; seu amor foi incondicional. Saber que Judas iria traí-lo e que Pedro o negaria não diminuiu o seu amor por eles. Mesmo estando ciente de que seus discípulos o abandonariam quando ele fosse entregue por mãos iníquas, Jesus “amou-os até o fim”.

Versículo 2. Se levarmos em conta a opinião predominante sobre 13:1, a expressão **durante a ceia** não deverá ser interpretada como se a ceia pascal já estivesse em andamento. A NVI diz que “estava sendo servido o jantar”. O evento havia começado, mas a refeição de fato ainda não havia necessariamente acontecido⁵. Portanto, conforme indicam os versículos 4 e 26, “durante a ceia” está correto.

Antes de discorrer acerca do episódio em que Jesus lavou os pés dos discípulos, João mencionou o ato traiçoeiro que **Judas Iscariotes** já tinha concebido. Jesus tinha pleno conhecimento do que

estava para acontecer; no entanto, como um servo humilde, ele lavou os pés dos discípulos, incluindo Judas. George R. Beasley-Murray teceu o seguinte comentário sobre Judas: “O aparecimento de Judas nesta introdução serve para contrastar seu ato repugnante com a humilde e amorosa servidão de Jesus...”⁶.

O significado exato de **tendo já o diabo posto no coração** não está claro, pois o texto não especifica de quem é o coração – de Judas ou do diabo. Os melhores manuscritos contêm “Judas” no caso nominativo, o que parece indicar que “o coração” é do diabo. Isso significaria que o diabo colocou em seu (próprio) coração que Judas trairia Jesus. De acordo com essa visão, a ideia de trair Jesus estava nos planos de Satanás. Ele teria decidido em sua própria mente que Judas seria o traidor. Outra possibilidade é “Judas” estar no caso genitivo (possessivo), indicando que o coração é o de Judas, o que o torna responsável por dar origem à ideia de trair Jesus. Alguns estudiosos observaram que o texto provavelmente foi alterado do nominativo para o genitivo por copistas posteriores, a fim de deixar claro que foi o diabo quem colocou o plano de trair Jesus no coração de Judas. A melhor solução para a questão, provavelmente, consiste em aceitar “Judas” no nominativo, entendendo, porém, que a referência é ao coração dele. Uma nota na Bíblia inglesa *New English Translation* diz: “...o uso do artigo grego (em vez de um pronome possessivo) é uma expressão idiomática em que se indica uma parte do corpo do indivíduo. O nome de Judas é omitido até o fim da frase para efeito dramático (de ênfase)”⁷.

Qualquer que seja o texto considerado, é evidente que em algum momento o diabo tentou Judas a **trair** seu Senhor. No entanto, isso não significa que Judas foi irresistivelmente compelido a executar esse plano. Judas cedeu à tentação do diabo. A fraqueza de Judas foi seu amor ao dinheiro, o que já levou muitos outros à destruição (veja 1 Timóteo 6:9, 10). No relato de Marcos sobre a unção em Betânia, depois de Jesus repreender os que criticaram o ato de Maria, Judas foi imediatamente até os principais sacerdotes para trair Jesus. Só João atribui a Judas a voz da objeção em 12:4-6 – o

⁴ C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: University Press, 1968, pp. 398-99.

⁵ Veja o apoio textual para essa interpretação em D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 462.

⁶ George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, vol. 36. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 233.

⁷ W. Hall Harris III, notas sobre João, em *NET Bible®*, 1a. ed. Richardson, Tex.: Biblical Studies Press, 2005, p. 2070, n. 9.

que pode sinalizar uma conexão entre a objeção e o ato de Judas.

Versículos 3 a 5. O conhecimento especial que Jesus tinha da vontade do Pai é mencionado novamente, enfatizando três conceitos importantes: sua soberania, sua origem e seu destino⁸. Jesus sabia **que o Pai tudo confiara às suas mãos** (13:3). Jesus recebeu o poder para cumprir a vontade soberana de Deus em todas as questões pertinentes à redenção. Além disso, **ele viera de Deus, e voltava para Deus**. Absolutamente ciente de que recebera o poder do Pai (Sua soberania), de que viera de Deus (Sua origem) e de que logo voltaria para Deus (Seu destino), Jesus cingiu-se como um servo doméstico e lavou os pés de seus discípulos. Por causa de sua infinita grandeza, ele poderia ter chamado legiões de anjos para derrotar de imediato os planos malignos do diabo e de Judas (Mateus 26:53). Em vez disso, Jesus executou a tarefa de um servo e lavou os pés dos discípulos, incluindo os de Judas, seu traidor.

Jesus **levantou-se da ceia** (13:4), ou seja, a refeição pascal que acabara de ser servida. Ele **tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela**. A NVI diz que Jesus “tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura”. No pensamento de D. A. Carson, esse “ato de humildade é tão desnecessário quanto atordoante e é, ao mesmo tempo, uma demonstração de amor (v. 1), um símbolo de purificação salvadora (vv. 6–9), e um modelo de conduta cristã (vv. 12–17)”⁹. A cena deveria retratar Jesus e os doze reclinados em sofás, divãs ou esteiras ao redor de uma mesa baixa com uns quarenta e cinco centímetros de altura. Provavelmente, cada homem se apoiava no braço esquerdo, já que o direito era normalmente o dominante, tendo as pernas esticadas na direção oposta à mesa. Dessa posição, Jesus se levantou. Um dos doze deveria ter tomado a iniciativa de executar a tarefa de lavar os pés; mas fazer isso seria admitir inferioridade – algo que nenhum deles queria fazer, já que disputavam por uma posição de honra no reino. Então, Jesus assumiu o papel do mais humilde e lavou os pés dos convivas. O relato de Lucas conta como surgiu uma disputa entre os discípulos sobre quem era o maior. Jesus ensinou-lhes sobre a verdadeira grandeza e citou seu próprio exemplo: “No meio de vós, eu sou como

quem serve” (Lucas 22:27).

O ato de lavar os pés era uma tarefa humilde, que, segundo alguns judeus, não deveria ser realizada nem mesmo por servos judeus¹⁰. Era uma tarefa reservada a escravos gentios e a mulheres e crianças. No entanto, Jesus tirou a capa, pegou uma toalha, e “cingiu-se” como um servo doméstico (veja Lucas 12:37; 17:8). “No Oriente, uma toalha enrolada na cintura era uma marca e um símbolo da escravidão.”¹¹ Toda essa cena foi verbalizada por Paulo quando ele disse que aquele que “subsistindo em forma de Deus... a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo... tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Filipenses 2:6–8). Embora os discípulos não tenham entendido isso na ocasião, o ato de Jesus foi uma declaração de sua natureza divina revelada na carne.

Jesus, então, **deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos** (13:5). Há vários exemplos no Antigo Testamento mostrando que lavar os pés era considerado um ato de hospitalidade (veja, por exemplo, Gênesis 18:4; 19:2; 1 Samuel 25:41). Devido ao fato de que as pessoas percorriam longas distâncias em estradas empoeiradas, a hospitalidade ditava que se provesse água para os hóspedes lavarem seus pés. Isso era normalmente feito na chegada, depois que os convidados já tinham tirado as sandálias à porta¹² da casa. Visto que Jesus e seus discípulos haviam vindo de Betânia por uma estrada empoeirada e não pavimentada, seus pés precisavam ser lavados. Jesus começou o processo lavando e depois secando os pés de cada um com **a toalha** que ele enrolara na cintura. Nessa cena, Jesus, o Rei dos reis e Senhor do universo, inclinou-se para lavar os pés dos discípulos. O ato de Jesus foi revolucionário, pois o exemplo de um superior lavando os pés de um inferior “não tem paralelo conhecido na antiguidade”¹³. Esse ato impactou a sensibilidade

⁸ Bruce, p. 280.

⁹ Carson, p. 462.

¹⁰ Enumerando as tarefas manuais que um servo judeu não deveria executar para o seu senhor, o rabino Yishmael disse: “Ele não deve lavar-lhe os pés nem desatar-lhe as sandálias... como fazem os escravos” (*Mekhilta Exodus* 21.2).

¹¹ G. Campbell Morgan, *The Gospel According to John*. Nova York: Fleming H. Revell Co., s.d., p. 231.

¹² “No antigo Oriente Próximo esse lavar não era feito normalmente em uma bacia de água parada, mas derramando-se água sobre as partes do corpo” (Raymond E. Brown, *The Gospel According to John [xiii–xxi]*, The Anchor Bible, vol. 29A. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1970, p. 551).

¹³ John Christopher Thomas, *Footwashing in John 13 and the Johannine Community*, 2a. ed. Cleveland, Tenn.: CPT Press, 2014, p. 150, n. 56.

de dos discípulos e exigiu alguma explicação, que Jesus deu logo em seguida.

Versículos 6 e 7. O texto não revela quantos pés Jesus já tinha lavado quando chegou a vez de Pedro. Parece que ele não foi o primeiro, pois é dito que Jesus “passou a lavar os pés aos discípulos” (13:5) e depois **aproximou-se... de Simão Pedro**. Raymond E. Brown disse com perspicácia: “É menos provável que Pedro tenha sido o primeiro (Agostinho) do que o último (Orígenes). As evidências são insuficientes; mas depois de interagir com Pedro, Jesus [disse]: ‘Ora, vós estais limpos’”¹⁴.

Os demais discípulos, aparentemente, deixaram Jesus lavar-lhes os pés com constrangimento e num silêncio angustiante, exceto Pedro. Ele se opôs ao ato de Jesus. Tal como aconteceu em Cesareia de Filipe, quando protestou a declaração de Jesus sobre seus sofrimentos e morte (Mateus 16:21–23), a objeção de Pedro aqui foi direta e bem-intencionada, mas ignorava a missão de Jesus. Pedro disse: **Senhor, tu me lavas os pés a mim?** Os dois pronomes estão em posição de ênfase no original grego; e “me” (μου, *mou*) recebe uma ênfase especial, vindo imediatamente após o pronome “tu” (σύ, *su*) no texto grego, significando literalmente: “Tu meus pés lavas?” Podemos supor que Pedro, ao proferir essas palavras, recuou. Pedro não conseguia suportar a ideia de seu Senhor e Mestre lavar seus pés. Guy N. Woods captou assim essa cena: “Enquanto os outros permaneciam sentados num silêncio vexatório, permitindo que Jesus continuasse, o impulsivo Pedro, não conseguindo suportar o que para ele era o maior absurdo, falou em protesto e indignado”¹⁵.

A resposta de Jesus colocou os pronomes “eu” (ἐγώ, *egō*) e “tu” (σύ, *su*) em contraste enfático. Ele não deu uma explicação; apenas disse: **O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.** O termo “depois” (μετά ταῦτα, *meta tauta*, “depois dessas coisas”) é um indicador de tempo indefinido. Jesus não especificou quando Pedro entenderia, mas disse que em algum momento no futuro, ele compreenderia. Jesus explicou o seu ato em 13:12–17; e, em parte, pode ser esse o “depois” que ele mencionou. Poderíamos entender que Jesus estava dizendo que Pedro compreenderia a importância do ato de Jesus após a sua morte e

ressurreição (veja 2:22; 12:16). Ou que Pedro entenderia tudo quando os apóstolos alcançassem o conhecimento perfeito com a descida do Espírito Santo (veja 14:26; 16:13). Provavelmente, João tinha em mente todas essas considerações. Pedro e os outros discípulos perceberiam depois que quem almeja ser grande no reino deve ser abnegado e humilde em atitude e disposição. Pedro acabou entendendo o que significava ser grande no reino; ele disse a seus leitores em 1 Pedro 5:5 que Deus resiste aos orgulhosos, mas concede a sua graça aos humildes. Naquele momento, como o texto deixa claro, ele não entendeu esse princípio.

Versículos 8 e 9. Pedro não se comoveu com a resposta segura de Jesus; ele protestou com uma negação ainda mais forte: **Nunca me lavarás os pés.** A força das palavras de Pedro é articulada numa dupla negativa (οὐ μή, *ou mē*), traduzida literalmente por: “Tu não nunca me lavarás os pés”. Era incompreensível para ele Jesus se rebaixar à posição de escravo e realizar aquela atividade. No que dependesse dele, isso jamais aconteceria! A resposta inicial de Pedro ao ato de Jesus (“Senhor, tu me lavas os pés?”; 13:6) foi tolerada por Jesus; mas nesta exclamação a natureza impulsiva de Pedro atingiu seu ápice. Seu orgulho estava questionando a decisão que o próprio Jesus tomou de lavar os pés dos discípulos. “Pedro é humilde o bastante para ver a incongruência do ato de Cristo, mas orgulhoso o bastante para dar ordens ao seu Mestre.”¹⁶

O protesto de Pedro evocou a seguinte resposta de Jesus, que assumiu a forma de uma repreensão: **Se eu não te lavar, não tens parte comigo.** Pedro “não ter parte” (μέρος, *meros*) com Jesus significaria não ter comunhão com ele. Quem quiser ser um discípulo de Jesus deve, voluntariamente, submeter-se a quaisquer que sejam as exigências do Senhor no que diz respeito a atitude, crença e ação. Essa submissão requer a aceitação do que Jesus disse sem questionar. Se Pedro quisesse ter comunhão com Jesus e a ele pertencer, ele teria de adotar uma *atitude* inteiramente diferente – de humildade no lugar de orgulho. E também precisaria *crer* no que Jesus disse sem questionar e, conseqüentemente, *agir* em conformidade com essa crença. Os atos de Jesus foram de um servo humil-

¹⁴ Brown, *The Gospel According to John* (xiii–xxi), p. 552.

¹⁵ Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 283.

¹⁶ G. H. C. MacGregor, *The Gospel of John*, The Moffatt New Testament Commentary. Londres: Hodder and Stoughton, 1928, p. 275.

de, e se Pedro quisesse pertencer a Cristo, ele teria que aprender a ser esse mesmo tipo de servo.

Nem **Pedro** nem um outro discípulo sequer entendeu o significado da atitude de Jesus no lavar-pés, mas o que Pedro de fato entendeu foi que ele queria ter parte com Jesus. Por isso ele disse: **Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça**. Pedro repudiou seu protesto anterior contra ter os pés lavados, porém, ainda impelido por seus próprios desejos, tentou novamente ditar as ações de Jesus.

Versículos 10 e 11. Em resposta, **Jesus** afirmou que quem **se banhou** está **todo limpo** e só precisa **lavar os pés**¹⁷. O texto grego emprega duas palavras diferentes traduzidas por “lavar”, provavelmente para transmitir dois tipos de lavagens. A palavra *νίπτω* (*níptō*, “lavar”), que aparece em 13:5, 6, 8 e 10, é frequentemente usada para indicar a lavagem das extremidades, ou seja, mãos e pés. A palavra *λούω* (*louō*, “banhar”), que forma o particípio perfeito *λελουμένος* (*leloumenos*) em 13:10, indica “lavar, via de regra, o corpo inteiro, banhar-se”¹⁸. A imagem empregada por Jesus poderia ser a de um homem indo a uma festa, o qual, tendo se banhado em casa, só precisava lavar os pés (sujos pela estrada empoeirada) na chegada, antes de sentar-se à mesa. Outra possibilidade é que a linguagem de Jesus se refira à purificação cerimonial judaica em preparação para a Páscoa. Assim como outros judeus (11:55), os discípulos já tinham se lavado cerimonialmente, e agora só precisavam lavar os pés sujos.

A linguagem descritiva desta narrativa pode delinear três aplicações espirituais¹⁹. 1) O banho (*louō*) corporal simboliza a purificação do indivíduo por conta de sua resposta ao sacrifício de Jesus na cruz. Essa purificação da culpa do pecado ocorre quando o crente confessa sua fé em Cristo e é batizado em Cristo (Gálatas 3:26, 27) – um ato único. Aqueles que foram assim purificados têm parte com Jesus; isto é, têm comunhão com ele.

¹⁷ Embora muitos estudiosos omitam as palavras *εἰ μὴ τοῖς πόδας* (*ei mē tous podas*, “senão os pés”), as evidências favorecem essa omissão. A defesa dessa omissão parece ser resolvida pelo fato de que Jesus insistiu em 13:8 que ter os pés lavados é necessário para ter comunhão com ele.

¹⁸ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 603.

¹⁹ Veja aplicações similares em Woods, pp. 285–86 e Carson, p. 465.

2) A lavagem (*níptō*) dos pés significa que aqueles que já foram purificados só precisam lavar os pecados que vierem a cometer. O crente se mantém limpo andando “na luz” e confessando seus pecados (1 João 1:7, 9). 3) A última aplicação envolve uma lição de humildade, que se encontra em João 13:12–17.

Jesus usou propositalmente o lavar dos pés para simbolizar a limpeza interior. Ele disse: **Ora, vós estais limpos, mas não todos**. Mais uma vez, o conhecimento perfeito de Jesus é evidenciado. Aquele que sabia o que havia no homem (2:25) percebeu que os discípulos, com exceção de Judas, estavam limpos apesar de serem imaturos. O outro versículo de João em que Jesus disse aos seus discípulos (exceto a Judas) que eles estavam limpos é 15:3: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado”. A limpeza vem por meio da palavra de Jesus e de seu sacrifício na cruz. Jesus disse que nem todos os discípulos estavam limpos porque **ele sabia quem era o traidor**. Por causa do seu amor insondável, Jesus lavou os pés de Judas; mas Judas não estava limpo. Seus pés podiam estar limpos, mas seu coração estava sujo. Nesse momento do ministério de Jesus, os discípulos não sabiam quem era o traidor; somente na hora em que Jesus foi preso revelou-se ao grupo a identidade do traidor.

JESUS INSTA OS DISCÍPULOS A SEREM SERVOS (13:12–17)

¹²Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: **Compreendeis o que vos fiz?** ¹³Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. ¹⁴Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. ¹⁵Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. ¹⁶Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. ¹⁷Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes.

Versículo 12. Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus pôs as **vestes** externas e **volt[ou] à mesa**. Pedro estava calado, e podemos imaginar a quietude dos discípulos enquanto tentavam compreender o significado do que Jesus tinha feito. Então, o Senhor perguntou: **Compreendeis o que**

vos fiz? A pergunta visava direcionar a atenção deles para o seu ato e a explicação que viria a seguir. Bruce comentou que aqui Jesus apresentou duas lições aos discípulos: uma de caráter teológico e outra de caráter prático. Teologicamente, “o ato de lavar os pés simboliza Jesus se humilhando para suportar a morte de cruz e a purificação que a sua morte proporcionou aos que creem”²⁰. O aspecto prático é explicado nos versículos 12 a 17. Jesus lavou os pés dos discípulos para que aprendessem com seu exemplo a servirem uns aos outros. Essas duas lições refletem demonstrações supremas do surpreendente amor de Jesus pelos seus (veja 13:1). Paulo escreveu que Jesus, “sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Coríntios 8:9). Por amor, Jesus se humilhou e se fez o servo desprezado pelos outros. O mesmo amor que torna possível que os pecadores sejam purificados é o amor que deve permear as relações na comunidade dos crentes.

Versículos 13 a 15. Jesus prosseguiu respondendo à pergunta que fizera em 13:12. Primeiramente, ele disse: **Vós me chamais o Mestre e o Senhor** (13:13). O verbo “chamar” vem de φωνέω (*foneō*), a palavra regularmente usada para chamar uma pessoa pelo nome ou título (veja 1:48). “Mestre” (διδάσκαλος, *didaskalos*) é o equivalente ao termo hebraico e aramaico *rabi* (1:38). Esse era o termo usado pelos discípulos ao se referirem a seus professores. Os discípulos de João Batista se dirigiam a ele como “rabi” (3:26), e os discípulos de Jesus também (1:38, 49; 3:2; 4:31; 6:25; 9:2; 11:8). “Senhor” (κύριος, *kurios*) é o equivalente ao aramaico *mar* e era outro título dado a Jesus reconhecendo-o como “Mestre”. *Mar* aparece na fórmula aramaica *Maranata*, que significa “Vem, nosso Senhor” (1 Coríntios 16:22). Concluído seu ministério terreno, Jesus passou a ser chamado frequentemente de “Senhor”, aquele a quem Deus exaltou e a quem “deu o nome que está acima de todo nome” (Filipenses 2:9; veja Atos 2:36). Comentando o uso que seus discípulos faziam desses títulos, Jesus disse: **e dizeis bem; porque eu o sou**. Ele confirmou sua soberania, mesmo enquanto se curvava para realizar o que seus discípulos consideravam um serviço humilde. Jesus não queria que eles tivessem dúvidas sobre quem ele era.

Jesus continuou: **Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis la-**

var os pés uns dos outros (13:14). Jesus inverteu os títulos, talvez para enfatizar seu Senhorio. Ele disse que, se aquele a quem o discípulos reconheciam como seu Senhor e Mestre tinha realizado a tarefa de um escravo, eles deveriam se dispor a fazer o mesmo uns pelos outros. As palavras de Jesus contêm o mesmo tom de sua reprovação registrada em Lucas 6:46: “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” Se os discípulos o reconheciam como seu Senhor e Mestre, deveriam seguir suas instruções. Eles não tinham motivo para não fazer isso; pois Jesus disse: **eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também** (13:15). Em vez de buscar posições de destaque para si mesmos, eles deveriam seguir o exemplo de seu Senhor, realizando humildemente até mesmo os serviços mais humildes. O termo “exemplo”, de ὑπόδειγμα (*hypodeigma*), refere-se a um exemplo ou padrão, bom ou mau. Ocorre somente aqui em João, e em nenhum outro versículo do Novo Testamento ele é usado para se referir a Jesus²¹. Jesus afirmou, assim, que aquele ato não foi casual. Ele deu o exemplo supremo a ser seguido por seus discípulos.

O ato de lavar os pés deve ser praticado pela igreja hoje? Concluir, como alguns grupos religiosos, que o ato de lavar os pés realizado por Jesus é uma ordenança para a igreja, que deve ser praticada literalmente pelos cristãos, é um desvio total de seu objetivo. Embora o ato específico tivesse o propósito de lavar a sujeira dos pés dos discípulos, a lição pretendida era sobre a limpeza espiritual e a humildade. O chamado “lava-pés” não deve ser considerado uma prática obrigatória para os cristãos hoje por dois motivos.

1. Há uma total ausência de evidências externas dessa prática. Em nenhum lugar do Novo Testamento lavar os pés é tratado como uma ordenança à igreja. Deve-se notar que, na mesma noite em que Jesus realizou esse ato, ele também instituiu a santa ceia; e há várias referências à observância da ceia do Senhor no Novo Testamento (veja Atos 2:42; 20:7; 1 Coríntios 11:20–29). Além da menção de lavar os pés em João 13, o único outro exemplo desse ato ocorre em 1 Timóteo 5:9 e 10, a respeito de viúvas qualificadas para receberem ajuda material da igreja. Mesmo ali, o lavar os pés

²⁰ Bruce, p. 283.

²¹ Esse vocábulo é usado em outros trechos com referência a exemplos e cópias (Hebreus 4:11; 8:5; 9:23; Tiago 5:10; 2 Pedro 2:6).

não é mencionado como um tipo de rito ou ordenança da igreja; está simplesmente inserido numa lista de boas obras. Historicamente, Tertuliano (ca. 160–225 d.C.) o mencionou brevemente²²; mas o ato nunca foi observado como uma ordenança à igreja até o quarto século, quando foi praticada pela igreja em Milão (ca. 380 d.C.)²³.

2. Além da ausência de evidências externas, existe o problema do erro de interpretação. Aqueles que fizeram desse ato uma ordenança não entenderam o princípio por trás do ato. O ato de Jesus ensina duas lições: que o discípulo precisa estar espiritualmente limpo para ter comunhão com Cristo, e que Jesus deu o exemplo do princípio de que o amor ao próximo leva a servir, humildemente, em qualquer área da atividade cristã. Assim como Jesus não veio para ser servido, mas para servir (Mateus 20:28), seus discípulos devem viver e servir sacrificialmente aos outros, não importa que posição ocupem (até “o mais humilde”; Mateus 25:40; NTLH). Jesus demonstrou o máximo amor pelos seus (13:1) por meio de um serviço humilde, e os discípulos devem demonstrar amor uns pelos outros cultivando uma mentalidade que os impulse a realizar atos de serviço.

Versículos 16 e 17. Jesus usou a dupla afirmativa: **Em verdade, em verdade** para salientar a importância da próxima declaração. Ele disse **que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou**. Jesus contrastou o servo com o senhor e o enviado com quem o enviou. Essa verdade expressa por Jesus aparece em outras partes dos Evangelhos, em variados contextos. Em Mateus 10:24 e 25, Jesus contrastou o servo e o senhor e o discípulo e o mestre (veja Lucas 6:40). Jesus afirmou que o servo não é maior do que seu senhor, para reforçar a lição que acabara de ensinar. Se Jesus (o Mestre) podia se inclinar para realizar as tarefas mais servis, quan-

to mais os discípulos (os servos) deveriam fazer o mesmo! Se a tarefa não estava abaixo de Jesus, que possuía conhecimento absoluto de sua soberania divina, sua origem e seu destino (13:3), então os discípulos não deveriam pensar que estava abaixo de sua dignidade fazer o mesmo.

“O enviado” traduz ἀπόστολος (*apostolos*), que ocorre somente aqui em João e sem conotar os doze escolhidos. Os Evangelhos Sinóticos indicam que Jesus deu esse título aos doze (cf. Lucas 6:13), mas João sempre usa descrições como “os doze” ou “os discípulos”. A ideia principal é a mesma da primeira parte do versículo: aquele que é enviado recebe autoridade para realizar tarefas daquele que o enviou. Mais tarde, Jesus enviaria seus discípulos ao mundo como o Pai o enviara ao mundo (17:18; 20:21).

A frase **se sabeis** é uma condicional de primeira classe que significa que os discípulos sabiam que esses conceitos eram verdadeiros. A NVI expressa bem essa ideia na tradução: “Agora que vocês sabem estas coisas”. Os discípulos sabiam aquelas **coisas**, ou seja, as lições ensinadas na ocasião do lava-pés; no entanto, não bastava saber. Jesus acrescentou: **bem-aventurados sois se as praticardes**.

Essa bem-aventurança é uma das duas citadas em João (veja 20:29). Ela ressalta o que é dito em toda a Bíblia: não basta conhecer a vontade de Deus, é preciso também fazê-la. Este axioma foi reforçado por Jesus de várias maneiras durante seu ministério. Além de reconhecer Jesus como Senhor, o discípulo também deve fazer a vontade do Pai para entrar no reino (Mateus 7:21–23). A pessoa que ouve as palavras de Jesus e as pratica é comparada a um homem sábio que constrói sua casa sobre a rocha (Mateus 7:24–27). Jesus considera quem faz a vontade de seu Pai como um membro da sua família (Marcos 3:35). Quem permanece na palavra de Jesus é considerado seu discípulo (8:31). Tiago 1:22–25 ecoa o ensino de Jesus ao incentivar os leitores a não serem meros ouvintes da palavra, mas também praticantes.

²² Tertuliano, *O Capelão* 8.

²³ Veja Ambrósio, *Sobre os Mistérios* 6 [31–33].